

# **COSTUMES ALIMENTARES E VIVÊNCIAS INDÍGENAS:** Traços de memória e história do povo Tupinambá de Olivença.<sup>1</sup>

Erlon Fabio de Jesus Costa<sup>2\*</sup>  
Kaliana Oliveira da Hora<sup>3\*\*</sup>

## **Resumo:**

A presente comunicação resulta da pesquisa “Da corrida de Tora ao Poranci : A história dos Tupinambá de Olivença” realizada durante o curso de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável junto a povos e terras indígenas e da oficina “Comer para festejar , plantar para curar” realizada na Escola Estadual Indígena Tupinambá de Olivença. Durante as atividades foram realizadas entrevistas e catalogação de alimentos realizada com estudantes e demais membros da comunidade, logo após a análise das fontes apontou bebidas, ervas e demais alimentos, sendo possível destacar a produção da mandioca e consumo dos seus derivados . A prática centenária de produzir mandioca, é elemento integrante da tradição deste grupo étnico. As fontes orais em confronto com bibliografias permitiram compreender que a dinâmica alimentar dos Tupinambá, participam da história do grupo, reafirmando sua presença no Sul da Bahia, território originário deste povo por meio de elementos culturais.

**Palavras-chave:** Alimentos tradicionais; Memória e Identidade Tupinambá

## **Introdução:**

Apresentamos por meio deste relatório de pesquisa questões referentes ao Espaço geográfico, populacional e cultural do povo Tupinambá<sup>4</sup>de Olivença, baseando-se no trabalho apresentado no seminário temático do curso de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável(MPDS) junto a povos e terras indígenas do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília -CDS-UnB, intitulado “*Comer para festejar e plantar para curar*”.

O trabalho apresentado resulta da aplicação de uma oficina “Comer para festejar , plantar para curar” realizada com os bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID/História<sup>5</sup> – UESC e alunos da Escola Estadual Indígena Tupinambá de Olivença - EEITO.A oficina teve como objetivo levantar informações acerca da alimentação e uso de plantas medicinais tradicionais entre os Tupinambá.Os estudantes e profissionais envolvidos na oficina articularam-se aos anciões da comunidade e por meio da oralidade tiveram acesso aos saberes tradicionais. Logo após em discussão coletiva foi percebido que os alimentos e plantas medicinais participam da identidade e história deste grupo étnico.

Nesse sentido no primeiro momento será descrito a metodologia utilizada neste trabalho que contou com a oficina desenvolvida com os estudantes da EEITO sob a orientação do PIBID que logo após favoreceu o desenvolvimento de entrevistas realizadas com anciões e grupos tradicionais; a posteriori estarão disponibilizadas informações acerca da localização do povo tupinambá, seguido de um breve comentário sobre a história deste povo. Em seguida mostrar-se à elementos alimentares que participam dos “saberes e fazeres” dos Tupinambá.

### **Saberes tradicionais da comunidade Tupinambá de Olivença tornam-se objeto de pesquisa em espaços diversos**

O trabalho que agora apresentamos remete em parte a aplicação da oficina referente à alimentação tradicional e medicina natural, realizada no dia 10/11/2011, no museu da EEITO<sup>6</sup>. O eixo norteador do trabalho foi uma pesquisa prévia realizada pelos alunos que consultaram os anciões de suas específicas comunidades e construíram um quadro elencando os tipos de plantas encontrados na região e sua utilização para determinadas patologias. Na oportunidade os alunos buscaram identificar em meio aos mais velhos tipos de alimentos que faziam parte do cardápio das comunidades e por sua vez, já não são vistos com maior frequência na contemporaneidade.

Após a consulta prévia os participantes das oficinas sistematizaram a pesquisa com o apoio dos Bolsistas da CAPES, catalogando as plantas e construindo no espaço escolar uma horta medicinal; já no segundo momento, participaram de uma ciranda com a professora Valdinete Barbosa, a qual explicou para os alunos como era preparado os alimentos apontados na pesquisa e em que momentos esses alimentos eram servidos para a comunidade.

Foi a partir das cirandas de conversa e das informações fornecidas pela professora indígena que passamos a estruturar o roteiro de entrevista abordando as temáticas de mobilidade, memória e alimentação, as quais fundamentam as discussões a respeito da utilização espacial. Neste sentido, evidencia-se a metodologia utilizada nas entrevistas:

O processo de seleção dos entrevistados e a estruturação das entrevistas aconteceram durante o mês de Dezembro, nesse período passamos a identificar alguns elementos que se tornaram fontes fundamentais para a condução dos trabalhos, neste sentido buscamos maiores informações: a respeito da Giroba, da transitoriedade dos indígenas entre o litoral e as regiões mais interioranas do território e dos registros de memórias referentes à Festa da Puxada do Mastro de São Sebastião.

Foram realizada um total de sete entrevistas, sendo cinco com membros da comunidade indígenas juntamente com a participação de parentes dos mesmos e 2 entrevistas com membros não indígenas com influência direta, sendo uma entrevista com o Padre local e outra com o presidente da Associação dos Machadeiros de Olivença – AMO.

O período de realização das entrevistas ocorreu durante a primeira quinzena do mês de Janeiro durante o processo que antecedeu os festejos da Puxada do mastro do ano de 2012 e a levantada do específico mastro no último dia 21 do mês corrente.

### **A questão da Mobilidade espacial do Povo Tupinambá**

O território<sup>7</sup> que hoje os índios Tupinambá de Olivença ocupam está organizado em comunidades que envolvem as regiões serranas (Serra das Trempes, Serra Negra, Serra do Serrote e Serra do Padeiro), no espaço mais interiorano e as regiões litorâneas ( Olivença, Jayri, Acuípes, Parque de Olivença e Aguas de Olivença); cercada pela Mata Atlântica região é rica na produção agrícola, tendo destaque as plantações de cacau, coco, banana, melancia, abacaxi, mamão, pimenta, cupuaçu, além da mandioca e a utilização dos seus derivados, principalmente na produção de farinha; destacamos ainda o extrativismo da piaçava e a pesca realizada nas regiões do litoral .

De acordo com os entrevistados os índios Tupinambá sempre viviam entre suas roças na região interiorana e o centro do aldeamento, local onde atualmente encontra-se a zona urbana de Olivença. Quando estavam residindo no litoral, os Tupinambá mariscavam na busca de seus alimentos, caçando caranguejos, coletando búzios e pescando lagosta e peixes do qual preparavam moquecas com folha de banana ou de taioba.

A afirmação dos entrevistados “sempre viviam entre suas roças interioranas”se confrontada com a literatura histórica da região, permiti identificar o período e contexto histórico no qual se apresenta a presença dos Tupinambá no território: desde a ocupação do litoral do Nordeste no século XVI, quando os mesmos se encontram com os portugueses. Durante a colonização os Tupinambá viveram no aldeamento Nossa Senhora da Escada fundado em 1700, administrado pelos jesuítas e localizado na Capitania de Ilhéus pertencente a Dom Figueiredo,o aldeamento reunia cerca de 580 pessoas. Neste local indígenas foram catequisados e contribuía com a economia regional, na medida em que eram mão – de – obra

na produção de farinha, milho, rosário entre outros produtos comercializados que abasteciam a Capitânia de Ilhéus e a Capitania de Salvador.

Com a expulsão dos jesuítas do Brasil os aldeamentos são elevados à categoria de vilas. Em 1758 foi criado o Diretório dos índios<sup>8</sup> e o antigo aldeamento de Nossa Senhora da Escada passa, por Carta Régia, a ser vila Nova de Olivença, patrimônio dos índios e seus descendentes. Estas terras foram sendo cercadas por propriedades particulares; o Diretório previa a total incorporação dos indígenas à civilização branca. A Vila Nova de Olivença passa a ser administrada pela Câmara de Ilhéus, no entanto índios possuem cargos administrativos com a intenção de preservar as características indígenas do local. De acordo com Marcis (2004) até no ano de 1877 a vila tinha administradores indígenas.

A partir da década de 20 do século XX com a origem e rápida ascensão da produção cacaueteira, as terras indígenas são destinadas à plantação do cacau alterando os fluxos cotidianos de ida e vinda dentro do próprio território. Com as necessidades de terra para plantio do cacau, muitos dos indígenas acabam sendo enganados pelos famosos “coronéis”, perdem grande parte de suas terras.

Somente com a emergência do Movimento Indígena na década de 1980 os índios Tupinambá de Olivença iniciaram seu processo de reconhecimento étnico. Tal iniciativa ganhou maiores proporções por volta de 1997, onde foram reconhecidos oficialmente pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 2002. A partir daí, iniciaram outros processos de luta, como o reconhecimento e demarcação do território e a busca de uma educação diferenciada.<sup>9</sup>

### **A alimentação tradicional e os traços de memória:**

As entrevistas foram utilizadas para o cruzamento de dados apresentados pelos alunos no que se referia ao cardápio tradicional dos Tupinambá de Olivença. Foram descritos de maneira bastante detalhada a produção da Giroba, bebida feita da mandioca mansa (*Mandioca Caravela, Olho Roxo*), misturada com água, açúcar e colocada em efusão em um recipiente chamado *catuto* para fermentar. Segundo a senhora Y(84 anos), após dois dias é o período ideal para o consumo, a bebida pode ser servida fria ou morna e o seu potencial nutritivo é tão grande que segundo a entrevistada chegou a curar doentes com o alimento, indicado para o tratamento de patologias como : hepatite, anemia, doenças de rins e tuberculose.

De acordo com Susana Veigas(2005), esse alimento sempre se fez presente em meio aos Tupinambá, assim como a farinha e seus derivados, destacando a mandioca enquanto principal produto de subsistência dos povos que habitavam a região. Sobre esse aspecto nos informa:

O território que os Tupinambá de Olivença habitam reproduz um conjunto multifacetado de uso dos recursos naturais que é intrínseco à sua forma de habitação dispersa. Mas a mandioca e seus derivados ganham um lugar de destaque na sua vida. Alimentar-se envolve inevitavelmente ingerir um qualquer preparado de mandioca. Põe-se farinha de mandioca em água ou caldo de peixe para fazer pilão, ou para fazer escaldado, come-se farinha com coco, farinha no café *aipim* cozido pela manhã. O *beiju* não é apenas mais um alimento, mas um dos preferidos pelos Tupinambá, estando ligado a diversas elaborações simbólicas. Em suma, o cultivo e alimentação ligados com a mandioca ocupam um lugar central na vida dos Tupinambá, inscrevendo-se em disposições alimentares que fazem desejar certos alimentos. Entre estes está a cerveja de mandioca<sup>10</sup>

Ainda sobre a importância da produção da mandioca corrobora Dias (2007):

Todas estas atividades, ao lado da principal produção da Capitania, a Farinha de mandioca, deram o tom original da economia de uma parte da Colônia onde a cana de açúcar e o tabaco não dominaram a paisagem, apesar de contígua à zona mais dinâmica da agricultura de exportação<sup>11</sup>.

Segundo a entrevistada X(78 anos) os indígenas faziam suas roças nas regiões mais interioranas onde passavam parte da semana e residiam na vila de Olivença, na região do litoral. Foi ainda pontuado pela anciã que quando estavam no litoral os “patrícios” coletavam búzios e ouriços, catavam caranguejo e siri, além de pescarem lagosta e peixes que eram preparados em folha de bananeiras e patioba as quais chamavam de *mukeka*, as lagostas eram escaldadas juntamente com *tomate cajá*, e servida com pirão de farinha.

Quando estavam nas roças os indígenas caçavam e moqueavam a carne, sendo citado como principais caças: tatu, porco do mato, tamanduá, teiú, cágado, cutia, capivara e paca, segundo o informante Z (80 anos), quando a caça ou a pesca era grande os indígenas dividiam com os parentes mais próximos. Sobre a relação com as roças na contemporaneidade Marcis (2005) relata:

A maioria da população indígena na zona rural sobrevive do trabalho nas roças familiares, complementando pela atividade extrativista da piaçava, madeira e coco. Muitos trabalham como diaristas assalariados em fazendas que produzem em escala comercial coco, mamão e seringa. A baixa

remuneração por essas atividades e a falta de espaço para fazer novas roças ou ampliar as que possuem são fatores que contribuem para situação de carência vivida pelas famílias indígenas<sup>12</sup>.

Outro produto apontado na entrevista e que possuía certo destaque comercial é o extrativismo da piaçava, as quais destacam as habilidades dos indígenas na construção artesanal de cabanas e na produção de vassouras conforme advoga a senhora Y.

Quanto ao conhecimento a respeito da utilização das plantas medicinais, os entrevistados apontaram diversas plantas e as suas utilizações a exemplo da mastruz, utilizada para fraturas e inflamações, a erva cidreira para pressão e o boldo para problemas estomacais. De acordo com a Sr<sup>a</sup> D (78 anos) os tupinambá sempre cultivaram próximo a suas casas hortas medicinais utilizando-se de chás para a cura de diversas enfermidades.

Neste sentido, podemos afirmar que as informações apresentadas pelos alunos da Escola Estadual Indígena Tupinambá de Olivença, a respeito da *alimentação tradicional* e a utilização do espaço voltado para a agricultura cruzam com os dados obtidos nas entrevistas realizadas e participam da memória coletiva dos Tupinambá.

### **Considerações finais**

Destarte com esses resultados, busca-se uma reflexão a respeito do papel da cultura para os povos do Nordeste e em especial os povos que habitam o sul da Bahia. Pois em meio a um processo de demarcação tão questionado por parte das contestações, no que se refere a permanência da cultura dos Tupinambá de Olivença, a pesquisa aponta uma continuidade de permanência territorial.

As transformações culturais ao longo dos séculos e o contato logo nos primórdios da colonização possibilitaram que estes povos utilizassem de significados mais diversos para manter vivo o sentido de pertença e de identidade cultural, re-significando símbolos e por meio de celebrações mantendo viva a memória coletiva da comunidade.

Utilizar-se das experiências obtidas a partir desse contato foi o principal mecanismo para a sustentabilidade dos Tupinambá, seja na assimilação de valores judaicos cristãos ou mesmo nas dietas alimentares ainda presentes em meio a um povo que possui cinco séculos de contato.

A alimentação tradicional e as relações com a terra por meio de sua dinâmica migratória são elementos fundamentais para a percepção da permanência desses povos em seu território original e a garantia de sua continuidade.

Partindo deste pressuposto percebemos a Escola enquanto o espaço de potencialidade para a sistematização desses conhecimentos, capaz de utilizar-se do processo de ensino aprendizagem para a manutenção da tradição e das memórias ainda presentes. Neste caso o espaço escolar torna-se a *fronteira* entre o conhecimento tradicional e a própria sustentabilidade desse conhecimento, permitindo ao educando novas descobertas e uma valorização da história de seus povos.

Por outro lado, a experiência metodológica foi crucial para que fosse estabelecido um diálogo entre o passado e o presente na própria práxis pedagógica, no qual a figura do ancião é o elo, que aponta caminhos para um processo de educação multicultural e diferenciado.

---

<sup>1</sup> Trabalho orientado pela professora Dr<sup>o</sup> em Antropologia da Alimentação, Ester Katz e vinculada ao Centro de Desenvolvimento Sustentável(CDS-UNB).

<sup>2</sup> Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável junto a Terras e Povos Indígenas pela Universidade de Brasília(UNB), atualmente bolsista do Projeto Institucional de Bolsa Iniciação a Docência em História PIBID\UESC coordenado pelo professor Dr<sup>o</sup> Carlos José Ferreira. E- mail: erlonfabiocosta@hotmail.com

<sup>3</sup> Especializanda em História do Brasil pela Universidade Estadual de Santa Cruz e bolsista do Projeto Institucional de Ensino em História- PIBID, durante Maio de 2010 a Maio de 2012. E- mail::Kalihistoria@bol.com.br

<sup>4</sup> “De acordo com relatos de cronistas e viajantes, os Tupinambá ocupavam todo o litoral brasileiro e alguns pontos do interior, quando da chegada do colonizador português, no século XVI. As zonas por eles ocupadas iam desde as zonas costeiras do Rio São Francisco até próximo a capitania de São Jorge dos Ilhéus. Estudos arqueológicos sugerem que os diversos grupos Tupi da família Tupinambá teriam migrado, a partir da região do Médio Amazonas, em direção à foz do mesmo rio, iniciando, assim, a ocupação do litoral brasileiro, ao tempo em que desalojavam outros grupos, provavelmente do Tronco Macro-Jê. (...) Célebres por seus feitos belicosos, os Tupinambá, em suas rotas migratórias, tinham como meta avançar seus domínios sobre os povos inimigos, conquistando territórios e capturando prisioneiros, já que a guerra se constituía na força motriz de sua sociedade. Os rituais de antropofagia praticados pelos Tupinambá suscitaram inúmeros estereótipos que se perpetuam até os dias de hoje. Durante todo o século XIX é possível verificar, nos documentos referentes a povos indígenas do sul da Bahia, a utilização de termos como Gêtio Bravo, hordas de selvagens, entre outros, para designar não apenas os Tupinambá, mas todos os índios de várias, regiões da Bahia. Era uma forma de generalizar práticas socioculturais tupinambá, sobretudo a antropofagia, e discrimina-los, usando como pretexto a condição supostamente “atrasada” em que viviam esses povos, “justificando” assim as crescentes colonizadoras sobre seus territórios”Vê: COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. *Morada dos encantados: identidade e religiosidade entre os Tupinambá da Serra do Padeiro*. Salvador: UFBA, 2008 (Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais).

<sup>5</sup> O Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência em História –PIBID foi implantado na Escola Estadual Indígena Tupinambá de Olivença em maio de 2010 e está vinculado à Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC, tem como objetivo auxiliar na formação dos estudantes de graduação associando o conhecimento teórico e à prática de ensino de história. No caso específico da Licenciatura em História, contemplada pelo programa, os alunos bolsistas desenvolvem pesquisa-ação relacionados à cultura e a história dos povos indígenas da região por meio da participação em atividades docentes (oficinas, aulas, projetos de intervenção entre outros) na Unidade Escolar, a qual possui sua sede na região de Sapucaiera localizada a 16 km de Olivença.

---

<sup>6</sup> Escola Estadual Indígena Tupinambá de Olivença, EEITO, localizada na Fazenda São Pedro, Km 16 Sapucaeira, Ilhéus encontra-se sob a direção de Cleuza Pinto que possui 1.069 alunos indígenas<sup>6</sup> e não indígenas, 85 professores, 86 funcionários e atende estudantes da Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, os estudantes pertencem às comunidades do Acuípe do Meio I e II, Tukum, Sapucaeira, Jairi, Serra Negra, São Pedro, Iguai, Santana e Acuípe de Cima localizadas em terras indígenas de Olivença. Por atender a estudantes indígenas a escola possui diferenciações no currículo como a inserção de disciplinas como tupi e cultura, sendo que no Projeto Político Pedagógico (ainda em construção) propõe-se uma educação intercultural participando da valorização da Cultura e Identidade Indígena assegurado pelo direito a diferença presente na Constituição de 1988.

<sup>7</sup> Consta no relatório da Fundação Nacional de Índio, no setor responsável pelo assuntos fundiários publicado no Diário Oficial em 20 e abril de 2009 os limites do território identificado como pertencente aos Tupinambá bem como a identificação deste Grupo indígena como Tupinambá. O território abrange os Municípios de Una, Buararema e Ilhéus e possui uma área de 47.300 hectares. Embora reconhecido como terras indígenas no ano de 2009 essas ainda não foram demarcadas, os tupinambá vivem constante conflito com fazendeiros que habitam essas terras. Com frequência os tupinambá fazem retomadas de terras como política de reintegração de terra, e mecanismo para pressionar a FUNAI.

<sup>8</sup> De acordo com Marcis (2004) o Diretório dos Índios (1758-1798) participa da consolidação do plano econômico e político da administração pombalina que com intuito de restabelecer a economia e política prejudicada pela crise econômica advinda com o declínio da mineração estabelece objetivos e ações como: decretar a liberdade dos indígenas, tornar os mesmos súditos da coroa e mão de obra para o trabalho agrícola; controlar o território e centralizar o governo, sendo necessário extinguir os aldeamentos e expulsar os jesuítas (o que de fato ocorreu), considerando que os jesuítas nos aldeamentos possuíam uma certa autonomia política e econômica. Entre as razões de tais objetivos encontram-se: Os índios como súditos da coroa era uma estratégia política de ocupação e defesa do território na medida em que muitos localizavam-se em regiões que faziam fronteira com a colônia espanhola; Enquanto mão de obra livre serviam a coroa e aos colonos.; A expulsão dos jesuítas e transformação dos aldeamentos em vila, permitia arrecadação de impostos, o qual anteriormente estavam excluídos os jesuítas e por sua vez os aldeamentos sob a administração dos mesmos, os aldeamentos transformados em vilas eram projetos de cidades, outra vantagem era a possibilidade de comercialização e favorecimento de transporte de mercadorias.

<sup>9</sup> O processo de demarcação territorial dos povos indígenas no Brasil associa-se ao “boom” dos movimentos sociais ocorrido durante a redemocratização do país que assegurou a esses povos o direito à diferença, organização cultural, social de acordo com suas tradições, além de direitos básicos como saúde e educação redigidos na Constituição Federal de 1988.

<sup>10</sup> VIEGAS, Susana de Matos. *Terra Calada: Os Tupinambá na Mata Atlântica do Sul da Bahia*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

<sup>11</sup> DIAS, Marcelo Henrique; CARRARA, Angelo Alves. *Um lugar na história: a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau*. Ilhéus (BA): Editus, 2007.

<sup>12</sup> MARCIS, Teresinha. *A "hecatombe de Olivença": construção e reconstrução da identidade étnica - 1904*. Programas de Pós-graduação da CAPES, 2004 (Dissertação).